



D'ORIO, P. **Le voyage de Nietzsche à Sorrente**. Genèse de la philosophie de l'esprit libre. Paris: CNRS Éditions, 2012.

Jelson Roberto de Oliveira

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: jelsono@yahoo.com.br

O novo livro de Paolo D'Iorio é, por si mesmo, uma viagem. Por ele, o leitor excursiona com Nietzsche, então com 32 anos (*in media vita*), em sua primeira viagem ao exterior e, principalmente, ao “Sul”. Como resultado, é possível compreender as principais transformações que essa experiência provoca na vida e no pensamento do filósofo alemão, após a sua decepção com Wagner durante a inauguração do Festival de Bayreuth, em agosto de 1876. A bela paisagem de Sorrento (uma pequena vila de pescadores que começava a se tornar um lugar turístico e despertava então o interesse de viajantes ilustres, nos quais se incluía a família Wagner¹, Alexis de Tocqueville

¹ O casal estava ali desde 5 de outubro, para descansar depois da desilusão do primeiro Festival de Bayreuth. Os Wagner estavam hospedados no Hôtel Vittoria. Nietzsche e seus amigos (que chegaram em 27 de outubro) se hospedaram numa pequena pensão ligeiramente distante da cidade, a Vila Rubinacci. Wagner se encontrava muito triste e depressivo, abalado pelas dúvidas e pela sensação de hiato entre o que fora sonhado e o que de fato fora realizado. Além disso, o Festival havia deixado inúmeros problemas financeiros. Foi nesse estado que ele se encontrou com Nietzsche pela última vez, em Sorrento, justamente no dia 27 de outubro. Durante esse encontro, Wagner teria confessado a Nietzsche seu interesse pela vida de Jesus, em especial a

e Hippolyte Taine, entre outros) e a companhia agradável de seus amigos Malwida von Meysenbug, Paul Rée e Albert Brenner foram decisivas no que tange a essa ruptura com os Wagner, mas, sobretudo, na formulação de novas hipóteses de pensamento e de uma nova forma de escrita, agora de fato “filosófica” e “própria”.

Fazendo de Nietzsche um “filósofo viajante”, D’Iorio perscruta os documentos, os mapas e demais registros dessa experiência. O resultado é um texto conciso, interessante, rico em detalhes, analiticamente minucioso e filosoficamente consistente. Certamente uma obra de referência para todos os que se interessam por esse período e as transformações biográficas e intelectuais que marcaram o pensamento de Nietzsche a partir daquele momento, já que é nesse tempo que são gestados muitos dos conceitos-chave da filosofia nietzschiana tardia.

Ao recontar os passos dessa viagem, D’Iorio faz um inventário, um levantamento detalhado não apenas das várias cartas de Nietzsche à sua família e amigos, mas também das cartas escritas por Malwida, Rée e Brenner. Essas cartas retratam fielmente os dias alegres e claros vividos à beira do golfo italiano, entre a luminosidade e o céu azul típico do Sul europeu, o mar calmo, o aroma de laranjeiras e oliveiras que cresciam nos arredores da Vila Rubinacci. D’Iorio mostra um Nietzsche viajante, interessado na geografia e nos hábitos do povo local, portador da curiosidade de um turista entusiasmado. Trata-se de um verdadeiro estado de alma típico do viajante, “que aprecia a viagem, a paisagem, as belezas da natureza e da arte com os olhos de turista, embora frequentemente, no caso de Nietzsche, o olhar do filósofo transfigura os lugares visitados” (p. 97).

Caminhando por Castellammare di Stabia, Vico Equense, Meta, Massa Lubrense, Sant’Agata e avistando o Golfo de Salerno e Nápoles, Nietzsche parecia deslumbrado. No carnaval de Nápoles, numa excursão a Pompeia e Capri, visitando museus, em passeios a cavalo nas montanhas ou em longas caminhadas à beira mar, com seus amigos, o filósofo fez dessas circunstâncias o cenário sobre o qual ocorreram as suas transformações espirituais e intelectuais. No grande quarto do segundo andar da pensão, que dava para um laranjal e, mais adiante, para o mar, o Vesúvio e as ilhas do Golfo de Nápoles (entre as quais está Ischia), Nietzsche buscou inspiração

Última Ceia e o Santo Graal. Essa guinada de Wagner ao cristianismo foi recebida por Nietzsche como uma “ofensa mortal” (p. 59). É bom lembrar que os Wagner fizeram residência em Sorrento a partir de janeiro de 1880. O anúncio faz Nietzsche desistir de retornar a Sorrento.

em imagens que, como bem mostra D'Iorio, foram decisivas e constantes em sua filosofia posterior.

A viagem começou no dia 1º de outubro de 1876 com uma parada de duas semanas no Hotel do Crochet, em Bex, Suíça, na companhia de Paul Rée; o ritmo de leituras, caminhadas e repousos teve início ali. Nessa época, Nietzsche trabalhava nas notas sobre o “espírito livre”, que formariam uma quinta *Consideração Extemporânea*, que jamais chegou a ser publicada – em fevereiro de 1877, o filósofo avisou seu editor sobre sua desistência do projeto. Em uma carta escrita a Nietzsche um ano depois, Rée se referiu a essa estadia como “a lua de mel de nossa amizade” (p. 25). No dia 18 de outubro, os dois amigos viajaram para Genebra e se hospedaram no Hôtel de la Poste, onde se encontraram com Brenner. No dia 20, Nietzsche e Brenner seguiram de trem até Gênova (onde Rée chegaria só à noite) e de lá seguiram de barco até Nápoles, com uma parada em Pisa e Livorno, na bela costa italiana. Em Nápoles, os três amigos se encontraram com Malwida von Meysenbug e seguiram para Sorrento no dia seguinte.

Do ponto de vista filosófico, a estadia na Itália e a experiência vivida com os amigos na Villa Rubinacci tiveram imensa importância no pensamento nietzschiano. D'Iorio chega mesmo a se opor à tradicional divisão da filosofia de Nietzsche em três partes. Segundo ele, essa divisão tripartite tende a colocar entre parênteses a filosofia do “espírito livre” (do chamado segundo período), ao estabelecer uma ligação mais profunda de continuidade entre o primeiro e o terceiro momento. O autor de *Le Voyage de Nietzsche à Sorrente* nega as chamadas *fases* da filosofia nietzschiana e, apoiado em textos do próprio Nietzsche, mostra que há uma continuidade entre os primeiros escritos e aqueles que formam o chamado segundo período e, ainda mais, desses com os últimos escritos.

Para D'Iorio, “é o período wagneriano que não é, na realidade, mais do que uma *fase* bem distinta na evolução da filosofia de Nietzsche” (p. 89). As tensões que pairam sobre textos como *O nascimento da Tragédia* e *A filosofia na idade trágica dos gregos*, por exemplo, dão prova, segundo D'Iorio, de que é a fase wagneriana que deve ser colocada entre parênteses – e não, como se costuma fazer, o período de *Humano, Demasiado Humano*, *Aurora* e *A Gaia Ciência*. Apoiado em textos anteriores a *O nascimento da Tragédia*, o autor chega mesmo a afirmar que a filosofia de Nietzsche sequer começa com essa obra, mas com textos que demonstram uma “proximidade com

Demócrito, um esboço de ensaio contra a teleologia e uma crítica impiedosa à metafísica de Schopenhauer” (p. 90).

Está aí, certamente, uma das grandes virtudes do livro de D’Iorio: tratar com a relevância merecida os eventos de Sorrento e mostrar como eles se articulam (na perspectiva de uma continuidade) com os textos anteriores e posteriores da filosofia de Nietzsche. A contribuição da obra, assim, está no fato de evitar a simplificação apressada que acaba equivocadamente por enfraquecer a importância desses textos e, ao mesmo tempo, encobrem as chances de que uma leitura cuidadosa possa fazer emergir evidências quanto à gênese de muitos conceitos e argumentos do período de maturidade.

Essa perspectiva pode facilmente ser confirmada através dos chamados “cadernos sorrentinos”, um conjunto de textos e fragmentos escritos “entre o mar e a montanha, entre o perfume das laranjeiras e do sal marinho ao longo dos estreitos caminhos entre as oliveiras” (p. 114). São pensamentos nascidos em caminhada, pensamentos viajantes que guardam a cor da paisagem na qual foram gerados. Esses textos que formaram, em boa parte, a coleção de aforismos publicada sob o título de *Humano, Demasiado Humano*² possibilitaram que o pensamento de Nietzsche, segundo D’Iorio, finalmente recuperasse “sua verdadeira natureza espiritual, sua filosofia cética e imanentista pré-wagneriana que, longe de renegá-la, vai enriquecê-la e desenvolvê-la”.

Depois da partida de Sorrento do casal Wagner e do decisivo rompimento de Nietzsche com o músico alemão, a Villa Rubinacci se tornou o lugar onde os espíritos livres podiam, finalmente, formar uma comunidade de vida e de pensamento, entusiasticamente planejada por Nietzsche. Os dias eram divididos em duas horas de leitura comum³ de textos filosóficos, literários e históricos (entre os quais se destacam livros de Voltaire, Montaigne, Diderot, Cervantes, Goethe, além de Heródoto, Platão e mesmo o Novo Testamento), longas caminhadas e horas de descanso. Esse modelo de vida, ao mesmo tempo feliz e instrutivo, reuniu os pensionistas em torno do projeto de uma “escola para educadores”, na qual os educadores deviam se educar a si mesmos e aprender uns com os outros.

² *Humano, Demasiado Humano* foi confessadamente escrito em Sorrento e terminado em Basileia, segundo se lê no capítulo de *Ecce Homo* dedicado a essa obra.

³ Segundo testemunhos de Malwida von Meysenbug, os amigos leem à moda dos monges: um lê em voz alta e os demais escutam.

O projeto se inspirou na constatação de que os educadores não são educados e que, do ponto de vista cultural, não existia até então um “areópago da civilização” que fugisse dos interesses meramente nacionalistas e pudesse mesmo ser considerado como um “ministério internacional da educação”. O instituto, segundo um fragmento póstumo de 1876, levantado por D’Iorio (p. 76), deveria se inspirar no “modelo dos conventos”, como um “claustro para espíritos livres”, um “claustro moderno”, uma “colônia ideal” ou ainda uma *université libre* (no texto original em francês), no qual os indivíduos não seriam ensinados, mas cultivariam a si mesmos segundo a metodologia de uma “aprendizagem recíproca”. O projeto, ainda que não tenha sido concretizado, ocupou energias e chegou mesmo a ter um lugar: o antigo convento dos Capuchinhos.

O tema da amizade ganhou imensa importância nesse projeto e, tal como destaca D’Iorio, o nome de Paul Rée “desempenha um papel central” (p. 118) nesse momento. Com Rée, Nietzsche encontrou a firmeza de um método analítico herdado das ciências e que passou a representar um *avant-garde* também em termos filosóficos, na contraposição efetivada pelo filósofo alemão já no primeiro aforismo de *Humano, Demasiado Humano*, entre a filosofia metafísica e a nova filosofia histórica, devedora dos procedimentos científicos. Tanto no que diz respeito aos pontos de concordância e proximidade, quanto aos pontos de divergência, o nome e a amizade de Rée permearam toda a obra de 1878; essa influência foi muito mal recebida por Wagner e Cosima, tratada como “Réelektse” (rabiscos de Rée) e como um “triste livro” nascido do encontro de Israel (referência à origem judaica de Rée) com o espírito germânico, submetido e reduzido àquele.

D’Iorio, com apreciável bagagem de informações, explora com maestria as motivações e os resultados das amizades, das leituras e das vivências sorrentinas de Nietzsche, mostrando o quanto elas foram decisivas para a constituição de sua filosofia do espírito livre que, aliás, não se reduz (como costuma-se fazer) aos escritos de 1876 a 1882. D’Iorio mostra como *Assim falou Zaratustra* está marcado pelas imagens e experiências na península sorrentina, entre os dois golfos e nos lembra que boa parte dessa obra marcante, de 1883, foi composta a partir dos escritos precedentes, que remontam à filosofia do espírito livre, na forma de um “comentário diante do texto” (p. 138), notadamente *Aurora* e *A Gaia Ciência*.

A análise de D’Iorio dos discursos de Zaratustra traz à luz imagens e argumentos que comprovam explicitamente essa ligação entre os textos e cimentam a importância da experiência de Sorrento na linha de continuidade

das obras nietzschianas. Na análise de D'Iorio, destaca-se aquela dedicada à imagem das ilhas bem-aventuradas, uma clara referência à ilha de Ischia, situada em frente a Sorrento e que fora a primeira ocupação grega na Itália. A natureza vulcânica da ilha faz Nietzsche pensar na fertilidade do lugar, algo que ele teria lido também num livro adquirido em 1875: *Vulkane und Erdbeben*, de Karl W. C. Fuchs.

Em Sorrento, Nietzsche não só se encontra pela última vez com Wagner, como amadurece a decisão de deixar definitivamente a vida acadêmica. Além disso, ele resolve se casar. Mudanças importantes do ponto de vista dos planos vitais. E é com esses planos que ele deixa Sorrento em 7 de maio de 1877. Mas D'Iorio mostra como essas decisões são sobrepujadas pelos eventos intelectuais: ele nos ajuda a entender que os eventos mais importantes na vida de Nietzsche são os seus pensamentos e é isso o que legitima a associação da vida e do pensamento como base da filosofia nietzschiana, cuja escrita é o relato dessas experiências.

D'Iorio dedica um capítulo de seu livro ao conceito de *epifania*: um momento no qual “o sujeito tem a intuição da capacidade do objeto de se tornar símbolo de uma visão de mundo graças a uma convergência de significações múltiplas que, inesperadamente, se condensam de maneira coerente numa imagem” (p. 176). O conceito abre a possibilidade de uma interpretação nova da filosofia nietzschiana e possibilita um novo cenário cognitivo composto pelos elementos biográficos, literários e filosóficos. Apoiado sobre esse conceito, D'Iorio faz uma análise tripartite do símbolo do “som do sino”, demonstrando a riqueza dessa metáfora que exerce um papel central na filosofia do espírito livre e no *Zaratustra*.

Em cinco capítulos, portanto, D'Iorio nos presenteia com uma viagem no tempo, jogando novas luzes sobre os temas centrais do período. Depois de Sorrento, parte dos planos vitais de Nietzsche se concretizou: ele deixou a vida acadêmica e rompeu definitivamente com Wagner. Mas não se casou e sua escola de educadores não se concretizou. Sua filosofia do espírito livre foi alimentada em solidão e em novas viagens, entre a Suíça, a França e a Itália.

Recebido: 15/01/2013

Received: 01/15/2013

Aprovado: 16/04/2013

Approved: 04/16/2013